

Aula principal

A duração das épocas, "as aulas de matéria"

O professor de classe tem a sorte de poder ensinar seus alunos todas as manhãs, das 8 até as 10 horas aproximadamente. Em algumas escolas, procura-se aplicar um sistema diferente, mas a norma é essa. Ele sempre poderá apelar para as forças revitalizadoras das crianças, ele sempre terá tempo suficiente para criar uma estruturação sensata. Ele precisa fazê-lo, pois nenhuma criança agüenta duas horas de um ensino uniforme. A tarefa pedagógica se dirige a todos os elementos anímicos (psíquicos) da criança, logo deve ocorrer uma alternância da atividade mental, da atividade rítmica e de tudo o que se refere ao querer, mesmo durante a aula principal. Resultou daí a estruturação, em parte rítmica, em trabalho e em atividade de contar histórias, deixando de lado, por enquanto, diferenças mais sutis. Foi Rudolf Steiner quem sugeriu essa diferenciação, embora talvez tenha usado uma terminologia diferente. É passível adotar uma seqüência diferente e ainda outros aspectos individuais, de acordo com a convicção do professor. Mas, uma vez encontrado o ritmo conveniente, este não deveria ser mudado arbitrariamente, pois a repetição tem um efeito terapêutico. No 1º ao 3º ano, reina, a esse respeito, uma certa concordância: a atividade rítmica costuma ser seguida por uma atividade pensante, seguida da parte volitiva, durante a qual são usados os membros. As várias partes exigem capacidades diferentes e o professor deverá treiná-las em si.

No decorrer do ano, o professor de classe ensina em épocas. Durante várias semanas, ele se aprofundará em uma matéria, conseguindo bons resultados, e, em seguida, ele a deixará, entregando os pormenores ao esquecimento. Rudolf Steiner descobriu o valor pedagógico frutífero do trabalho intensivo seguido pelo esquecimento. Ora, o professor deve fazer um uso correto disso, colocando as épocas de modo que a sua troca seja harmônica e benéfica para desenvolver as capacidades das crianças. No início, a escolha ainda é pequena e ela se tomará mais rica na medida em que a criança ficar mais velha. Aí, ele pode reagir à situação momentânea da classe, o que não é possível para o professor do ensino médio, e dar preferência a determinada época. Se as crianças precisarem do "mundo", ele dará uma época de ciência natural, quando elas precisarem crescer em seu espaço interior, ele optará por uma época de linguagem ou de cálculos.

Mesmo assim, é importante que o professor faça, no início do ano escolar, um planejamento das várias épocas e da sua duração. A esse respeito, o número de semanas indicado por E. A. K. Stockmeyer, pode servir de orientação.

As indicações para o planejamento anual das épocas do 1º ao 8º ano e a duração das épocas em semanas dadas por E. A. Karl Stockmayer são apenas orientadoras, pois nem sempre a duração do ano corresponde à soma das semanas propostas.

Número de semanas:

Classe	Cálculo	Língua Materna	Geografia	Física	Conhecimentos		Total	Resto		
					Quími-ca					
1	12	14	10	-	-	-	-	-	36	2
2	12	14	10	-	-	-	-	-	36	2
3	12	14	10	-	-	-	-	-	36	2
4	12	12	4	4	-	-	-	-	32	6
5	12	12	-	4	6	4	-	-	38	-
6	10	10	-	4	6	4	4	-	38	-
7	10	10	-	3	6	3	3	3	38	-
8	10	10	-	3	6	3	3	3	38	-

Para algumas épocas sugere-se, nesta obra, mais semanas do que consta desta tabela. Isso significa que o número de semanas não bastam para satisfazer todas as recomendações. O professor deve, portanto, ser elástico, e decidir em quais matérias ele quer dedicar um tempo maior ou menor. Mas precisa ter cuidado para que nenhuma matéria seja prejudicada por falta de planejamento. Rudolf Steiner esperava que a economia do ensino em épocas permitisse, nas últimas semanas, uma espécie de repetição geral das matérias tratadas durante o ano, para garantir uma melhor memorização. Mas, em geral, o tempo não é o suficiente, daí a necessidade de uma rememoração no início de cada nova época. O planejamento por épocas é muito importante porque o professor não se apoia em livros didáticos prescritos, mas desenvolve e "compõe" a matéria a ser ensinada durante o ano.

Na medida em que a classe "subir", cada vez mais o professor sentirá a falta de tempo. Então, será importante seguir um certo ritmo, que decorre da natureza etérica da criança e com a qual ele deverá contar: é o ritmo do mês, de 4 semanas. Como professor de classe, ele tem a liberdade de determinar a duração da época, se possível, deve ser de 4 semanas. Ele fará a seguinte experiência: o interesse culmina e declina em seguida, podendo ainda fazer a retrospectiva e, ao mesmo tempo, formar-se a antecipação alegre do que virá a seguir. Muitas vezes as épocas são reduzidas e, quase sempre, isso não é antipedagógico. Seria melhor o professor decidir pela omissão de uma época do que dar épocas breves. Mas ele pode também, como resultado de sua visão abrangente, fazer com que uma época penetre em outra! Quanta coisa pode constar de uma época de geografia! Para Rudolf Steiner era muito importante que o professor fizesse um trabalho profundo, porém sucinto e econômico, e com isso pudesse ganhar mais tempo.

O professor nunca deveria deixar transparecer, no ensino, a pressão do tempo. Uma vez decidido pelo ensino de determinado assunto, deveria ser dado todo o tempo necessário. Quando, por exemplo, nos primeiros anos trata-se de copiar da lousa uma escrita bonita, toda pressa seria antipedagógica. A esse respeito, é necessário, às vezes, resistir a certos alunos e pais que procuram resultados que não implicam em um processo manual perfeito, mas em resultados de caráter meramente cognitivo. O professor deve sempre ter consciência que o conhecimento adquirido é apenas o último fruto de um processo que começa com o "fazer". A

atividade correta é um processo de aprendizado onde o aluno adquire capacidades, e isso exige tempo!

O que faz com que existam diferenças entre como se lecionam as matérias dadas em aula principal e outras dadas em aulas individuais convencionais? Responder que a aula principal visa as matérias essenciais e que as aulas avulsas visam as matérias paralelas não satisfaz e ignora a realidade. Certas matérias "secundárias", se fossem dadas sem as épocas, tornariam-se muito importantes, como foi demonstrado através de algumas experiências. Mas existe um aspecto que tem peso: certas atividades deveriam ser exercidas regularmente e não apenas durante períodos destacados. Pertencem a essas atividades, os exercícios físicos, seja na eurtmia, na ginástica ou nos jogos. Da mesma maneira, espera-se um efeito favorável pela repetição regular na prática de um instrumento musical ou nos trabalhos manuais. Com referência às línguas estrangeiras, já pode haver questionamentos quanto à utilidade das aulas avulsas. Existe uma indicação de R. Steiner, no sentido de um conselho e de um desejo: que o aluno deveria, freqüentemente, mesmo que por pouco tempo, identificar-se com o espírito e com o som da língua estrangeira. Aliás, houveram tentativas de integrar uma língua estrangeira, na parte rítmica do ensino principal, nos três primeiros anos. O mesmo critério, de um ensino breve e repetitivo, poderia valer também para a religião, mas aí existe o problema dos professores virem freqüentemente de fora para dar o ensino como professores visitantes.

O professor de classe tem, com o ensino principal, uma vantagem que muitos outros colegas gostariam de ter: a de trabalhar com as crianças na parte mais dinâmica do dia. Mas se no colégio dos professores começa a reinar a opinião de que isso é apenas o resultado de uma convenção, que poderia ser modificada, o professor de classe não deveria insistir neste seu privilégio, mas sim defender o direito de as crianças terem uma vida de trabalho fluida e regular, esta é uma das fontes de energia para as mesmas, durante a época do professor de classe. Ele deveria eventualmente compensar o que os outros colegas não têm, as acompanhando a classe em suas várias aulas "de matéria". Em parte, estando presente nessas aulas, mas sempre pelo seu intei-ésSe. Isso é - tanto mais importante quanto mais jovens forem os alunos.

Via de regra, o professor de classe deveria ensinar mais uma matéria, para completar sua carga horária. Não é necessariamente bom ministrar essa matéria em sua própria classe. Se tiver "jeito", a sua presença adicional pode ser proveitosa. Mas também é possível que a preponderância de um professor se torne opressiva, principalmente quando não tem com as crianças o relacionamento sem tensão que deveria ter. Para o professor não é bom viver com sua atenção concentrada exclusivamente em uma classe. O seu olhar ficará mais livre se também vivenciar outras crianças. A melhor solução, em tais situações, é deixara decisão ser orientada pela conferência de professores.